

**DIRETORIA DE ENSINO DO CAMPUS SALVADOR
CURSO TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES**

**BRUNA NASCIMENTO SANTOS
GEOVANNA SANTOS CORREIA
THAISE DOS SANTOS ANDRADE**

**ARQUITETURA HOSTIL: MAPEAMENTO E DIVULGAÇÃO DE PRÁTICAS
HOSTIS EM ESPAÇOS PÚBLICOS DE SALVADOR**

**SALVADOR
2023**

BRUNA NASCIMENTO SANTOS
GEOVANNA SANTOS CORREIA
THAISE DOS SANTOS ANDRADE

**ARQUITETURA HOSTIL: MAPEAMENTO E DIVULGAÇÃO DE PRÁTICAS
HOSTIS EM ESPAÇOS PÚBLICOS DE SALVADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao IFBA - Campus Salvador,
como requisito parcial para obtenção do
grau de Técnico de Edificações.

Orientadora: Profa. Rafaela Lino Izeli

SALVADOR

2023

**DIRETORIA DE ENSINO DO CAMPUS DE SALVADOR
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE CONSTRUÇÃO CIVIL**

ATA DE DEFESA FINAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às 13 horas e 33 minutos do dia 21 / 11 / 2023 do mês de novembro do ano de 2023, na Sala 64 do Campus Salvador/IFBA, o/a(s) aluno/a(s)

Bruna Nascimento Santos ; Giovanna Santos Correia e Thaise dos Santos Andrade ;

regularmente matriculado/a(s) no Curso Técnico em Edificações,

desta Instituição, compareceu(ram) para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, requisito obrigatório para a obtenção do título de técnico em edificações, com Trabalho intitulado

Arquitetura Hostil : mapeamento e divulgação de praticas hostis nos espaços públicos de Salvador.

Constituíram a Banca Examinadora o(a) professor(a) orientador(a) Rafaela Lino Izeli

e os(as) professores(as) avaliadores(as) Cléia Teresa Queiroz e Maria do Carmo Baltar Esnaty de Almeida

Após análise dos pareceres emitidos pelos membros da banca examinadora, o (a) candidato (a) teve como ^{nota} conceito: 10 (dez)

- () APROVADO, sem alterações;
() APROVADO, considerando as sugestões feitas pela Banca Examinadora;
() REPROVADO, conforme relatório apresentado pela Banca Examinadora.

Eu, Rafaela Lino Izeli, lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora.

Salvador, 21 de novembro de 2023.

Orientador Rafaela Izeli

Examinador 1 Cléia Teresa Queiroz

Examinador 2 Almeida

Esta monografia é dedicada a todas as
pessoas que lutam diariamente para ter
sua voz ouvida e sua presença
reconhecida.

Que possamos sempre nos lembrar de
ouvir, respeitar e valorizar a diversidade de
vozes e experiências em nossa sociedade.

AGRADECIMENTOS

A emocionante jornada da nossa monografia chegou ao seu ápice, e é com o coração transbordando de gratidão que nos dirigimos a todos aqueles que tornaram este desafio uma realidade incrível. Por meio dessa experiência, aprendemos que, com o apoio unificado da família, o ânimo dos amigos e a orientação de uma mentora excepcional, somos capazes de superar desafios que, à primeira vista, poderiam parecer insuperáveis. Obrigado por compartilharem essa jornada conosco e por torná-la tão profundamente significativa em nossas vidas.

Nossa família merece uma gratidão especial. Desde o início, eles estiveram conosco, apoiando e encorajando cada passo dado nessa jornada acadêmica. Foram os pilares em que nos apoiamos nos momentos de dúvida, e as fontes inesgotáveis de amor e apoio incondicional. Cada membro da nossa família contribuiu de maneira única para o nosso sucesso, e por isso, expressamos uma gratidão eterna.

Aos nossos amigos, que compartilharam conosco as alegrias, frustrações e incertezas desta jornada acadêmica, queremos expressar a nossa sincera apreciação. Suas palavras de encorajamento, os momentos de descontração que nos proporcionaram e o apoio incondicional que ofereceram foram inestimáveis. A amizade de vocês é um tesouro que valorizamos profundamente.

À nossa orientadora, devemos uma dívida de gratidão que transcende a medida das palavras. Sua sabedoria, paciência e dedicação incansável ao nosso crescimento acadêmico moldaram este projeto de maneira indelével. Suas orientações críticas e inspiradoras tornaram nossa pesquisa mais significativa e relevante. Sua contribuição foi fundamental para nosso sucesso e crescimento como estudantes e seres humanos, e por isso, nossa gratidão é profunda e infindável.

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão às professoras que compuseram a banca examinadora durante a defesa de nosso trabalho. Agradecemos pela dedicação em avaliar nosso trabalho com rigor e expertise, proporcionando valiosas

contribuições ao nosso desenvolvimento acadêmico. Suas orientações e insights foram fundamentais para aprimorar nossa pesquisa e aprofundar nossa compreensão sobre o tema. Agradecemos pela paciência e pelo comprometimento, elementos que enriqueceram significativamente nossa experiência durante esse importante momento acadêmico. Ficamos honrados e felizes em ter a oportunidade de apresentar nosso trabalho perante profissionais tão qualificadas e inspiradoras.

Este trabalho vai além de ser apenas uma monografia; ele é um símbolo de perseverança, dedicação e amor. Expressamos nossa gratidão a todos que contribuíram para tornar este projeto uma realidade. Que isso sirva como um tributo ao nosso apreço sincero por cada um de vocês. Por meio dessa experiência, aprendemos que, com o apoio unificado da família, o ânimo dos amigos e a orientação de uma mentora excepcional, somos capazes de superar desafios que, à primeira vista, poderiam parecer insuperáveis. Obrigado por compartilharem essa jornada conosco e por torná-la tão profundamente significativa em nossas vidas.

Esta monografia vai além do papel e da tinta; ela representa a culminação de anos de esforço, dedicação e amor. Cada pessoa que fez parte dessa trajetória desempenhou um papel crucial, e nossa jornada não seria a mesma sem a união da família, o apoio dos amigos e a orientação competente. Este agradecimento é uma pequena expressão do nosso apreço por tudo o que vocês fizeram.

“Nossa arquitetura é muito hostil e pouco hospitaleira” (Lancellotti, 2022).

ANDRADE, Thaise; CORREIA, Geovanna; NASCIMENTO, Bruna. **Arquitetura Hostil: mapeamento e divulgação de práticas hostis em espaços públicos de Salvador.** Trabalho de Conclusão de Curso, Curso Técnico em Edificações, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Salvador. Salvador, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa dedica-se a mapear e divulgar práticas de Arquitetura Hostil em determinados lugares públicos de Salvador a fim de despertar na população um outro olhar sobre a cidade e sobre as ações que sutilmente selecionam socialmente o uso dos espaços. Inicia-se com o estudo de referências bibliográficas sobre conceitos e características da Arquitetura Hostil no Brasil e no mundo, destacando o papel do Padre Júlio Lancellotti nesse tema e exemplos concretos já existentes. Segue analisando e contextualizando dados sobre pessoas em situação de rua na cidade que é o objeto deste estudo e em como a governança local lida com o assunto. Por fim, elabora o levantamento de elementos e práticas hostis em alguns bairros da cidade de Salvador, com registros fotográficos, através da ferramenta do *Google Street View*, e posteriores visitas *in loco*. E como produto final, foi elaborado um mapa colaborativo, situando cada ponto em que alguma prática de arquitetura hostil foi encontrada, além de divulgar os resultados da pesquisa em um perfil do *Instagram*.

Palavras-chave: Arquitetura Hostil; Mapeamento; Salvador.

ANDRADE, Thaise; CORREIA, Geovanna; NASCIMENTO, Bruna. **Hostile Architecture: mapping and publicizing hostile practices in public spaces in salvador.** Course Conclusion Paper, Technical Course in Buildings, Federal Institute of Education, Science and Technology of Bahia - Salvador Campus. Salvador, 2023.

ABSTRACT

This research is dedicated to mapping and disseminating practices of Hostile Architecture in certain public places in Salvador in order to awaken in the population a different view of the city and the actions that subtly select the use of spaces. It begins with a study of bibliographical references on the concepts and characteristics of Hostile Architecture in Brazil and around the world, highlighting the role of Father Júlio Lancellotti in this theme and existing concrete examples. It goes on to analyze and contextualize data on homeless people in the city that is the subject of this study and how local governance deals with the issue. Finally, a survey of hostile elements and practices in some neighborhoods in the city of Salvador is carried out, with photographic records, using the Google Street View tool, and subsequent on-site visits. And as a final product, a collaborative map was created, locating each point where some hostile architectural practice was found, as well as publicizing the results of the research on an Instagram profile.

Keywords: Hostile Architecture; Mapping; Salvador.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Padre Júlio Lancellotti quebra pedras sob viaduto em São Paulo.....	23
Figura 2 - Padre Júlio Lancellotti põem flores sob viaduto em São Paulo.....	23
Figura 3 - Pedras sob viaduto em São Paulo.....	27
Figura 4 - Pedras sob o viaduto em Moema.....	27
Figura 5 - Ferro sob degraus.....	28
Figura 6 - Prédio instala chuveirinho na marquise no Rio de Janeiro.....	29
Figura 7 - Banco com elevação.....	30
Figura 8 - Elemento pontiagudo na janela.....	30
Figura 9 - Bancos com curvas.....	30
Figura 10 - Mapa dos bairros que foram identificados elementos hostis	36
Figura 11 - Mapa colaborativo.....	43
Figura 12 - Instagram.....	45
Figura 13 - Publicações feitas no instagram.....	46
Figura 14 - Cartaz 1.....	48
Figura 15 - Cartaz 2.....	49
Figura 16 - Quiz.....	50
Quadro 1 - Classificação do grau de intensidade dos elementos hostis - Barbalho..	37
Quadro 2 - Classificação do grau de intensidade dos elementos hostis - Canela.....	38
Quadro 3 - Classificação do grau de intensidade dos elementos hostis - Comércio.	39
Quadro 3 - Classificação do grau de intensidade dos elementos hostis - Nazaré.....	41
Gráfico 1 - Classificação da intensidade dos elementos hostis em cada bairro.....	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA	Bahia
BBC	British Broadcasting Company Ltd
Covid-19	Coronavirus Disease 19
DAC	Design Against Crime
DPE	Defensoria Pública da Bahia
FM	Frequência Modulada
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional
IPS/UFBA	Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia
LGBTQI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink
LIMPURB	Empresa de Limpeza Urbana de Salvador
MDH	Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania
MNPR	Movimento Nacional da População em Situação de Rua
ONDH	Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos
ONG's	Organizações Não-Governamentais

PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
PT-RS	Partido dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul
QR Code	Quick Response Code
SEAS	Serviço Especializado em Abordagem Social
SEMPRE	Secretaria Municipal de Promoção Social, Combate à Pobreza, Esportes e Lazer
UAI	Unidade de Acolhimento Institucional
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 ARQUITETURA HOSTIL.....	18
2.1 DEFINIÇÃO E CONCEITO.....	18
2.2 ATUAÇÃO DO PADRE JÚLIO LANCELLOTTI.....	21
2.3 REVERBERAÇÃO NA LEGISLAÇÃO FEDERAL.....	23
2.4 EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS E INTERNACIONAIS.....	26
3 CONTEXTO NA CIDADE DE SALVADOR.....	30
4 LEVANTAMENTO DE ELEMENTOS E PRÁTICAS HOSTIS EM SALVADOR.....	33
4.1 MÉTODO DE EXECUÇÃO DO LEVANTAMENTO.....	33
4.2 PRÁTICAS DE ARQUITETURA HOSTIL IDENTIFICADAS.....	36
5 MAPA COLABORATIVO DA ARQUITETURA HOSTIL EM SALVADOR.....	42
5.1 TECNOLOGIA DE CONSTRUÇÃO.....	43
5.2 DIVULGAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO MAPA COLABORATIVO.....	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE A — Formulário.....	54

1 INTRODUÇÃO

Recentemente vem ocorrendo um aumento significativo de elementos como plantas, grades, pedras etc., que são implantados junto a edificações com o objetivo de restringir o acesso ou afastar principalmente pessoas em situação de rua ou em vulnerabilidade do seu entorno. Muitas das vezes, tais elementos são bastante sutis e passam despercebidos pela população, que talvez não reconheça o seu real significado. Esse tipo de prática, que tem sido denominada como Arquitetura Hostil, pode ser definida, de acordo com Bernardo e Alcântara (2023), como:

[...] um conjunto de dispositivos construtivos que têm como objetivo impedir a permanência de pessoas, especialmente daquelas em situação de rua, em bancos de praças, espaços residuais em fachadas e demais áreas livres do espaço público. (Bernardo; Alcântara, 2023)

Segundo os autores, tais práticas e elementos podem contribuir para a intensificação da segregação em espaços públicos e precisam ser evidenciados a fim de serem reconhecidos para que haja discussões sobre suas consequências para a cidade. A problematização parte, portanto, de localizar quais bairros da cidade de Salvador tem elementos e práticas hostis, e quais deles têm maior presença de moradores de rua.

Para tanto, esta pesquisa dedicou-se a construir uma ferramenta para mapear elementos construtivos e práticas de Arquitetura Hostil que podem colaborar para a segregação da população em determinados nos espaços públicos da cidade de Salvador e em suas interfaces com os espaços privados. Para isso, teve-se como objetivos específicos, identificar exemplos e referências em outras cidades brasileiras e internacionais; identificar práticas e elementos hostis que são implantados em bairros da capital baiana e fotografá-los; construir um mapeamento como resultado do levantamento feito *in loco* e divulgá-lo em um perfil no *Instagram*.

Acredita-se que, com a realização desta pesquisa, mais pessoas possam ter conhecimento das discussões acerca da Arquitetura Hostil, podendo despertar na população um outro olhar sobre a cidade e sobre as práticas que sutilmente segregam socialmente o uso dos espaços, além de chamar atenção das

autoridades governamentais para a fiscalização e o cumprimento da Lei Padre Júlio Lancellotti (Lei nº 14.489/2022).

Para alcançar os objetivos, foi adotada uma metodologia de trabalho que é tanto qualitativa, quanto quantitativa. Qualitativa, por tratar-se de uma pesquisa que envolve questões sociais e comportamentais, no sentido que Hy Mariampolski (2001, p. 101) afirma: "a pesquisa qualitativa engloba uma família de abordagens, métodos e técnicas para compreender e documentar, em profundidade, atitudes e comportamentos"; e quantitativa, por trazer como produto resultante algo mais exato, controlado e preciso.

De forma detalhada, em relação aos procedimentos utilizados para a produção da pesquisa, em primeiro momento, foram realizadas pesquisas bibliográficas "a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc." (Severino, 2013, p. 6). As autoras buscaram, e estudaram materiais que discorreram sobre Arquitetura Hostil, como livros que abordam o tema de maneira mais teórica e conceitual, artigos científicos e monografias que o trazem de maneira mais prática, mas também reportagens e entrevistas com pessoas que lidam com a Arquitetura Hostil.

Em um segundo momento, fizeram os levantamentos a partir de observação em campo e o registro fotográfico de locais que evidenciam práticas de Arquitetura Hostil na cidade de Salvador. Para coletar digitalmente o que foi encontrado na sondagem anterior, foi utilizado o *Google Maps* e posteriormente, visitas presenciais em bairros e regiões da cidade visando fotografar esses ambientes e as situações identificadas.

Com as imagens registradas a partir das visitas nos bairros soteropolitanos previamente selecionados, como forma de publicizar o trabalho, foi produzido um perfil no Instagram, a fim de alcançar o máximo de pessoas possíveis com um mapeamento de todos os locais visitados que possuem em suas construções elementos hostis. A ideia de um mapa aberto e colaborativo, que servirá para informar e receber colaborações de novos pontos identificados futuramente pela população e tópicos importantes da pesquisa também estarão no perfil. Nele consta um formulário onde qualquer cidadão, ao observar ações hostis semelhantes, possa fotografar e comunicar para que os responsáveis pela

ferramenta possam incluir o local no mapa.

Nesse sentido, a importância do trabalho se dá em reconhecer tais práticas presentes em Salvador e em conscientizar e interagir com a população, a fim de que, cada vez menos, a Lei nº 14.489/2022 seja descumprida, e que tais práticas não sejam naturalizadas e passem despercebidas. Existe também a importância do trabalho para a formação dos Técnicos em Edificações por tratar de um assunto relacionado à ética profissional daqueles que também constroem a cidade, para que tais atos não sejam reproduzidos. Com a realização desta pesquisa, as autoras desejam que mais pessoas possam ter conhecimento das discussões acerca da Arquitetura Hostil, despertando na população um outro olhar sobre a cidade.

2 ARQUITETURA HOSTIL

2.1 DEFINIÇÃO E CONCEITO

Arquitetura Hostil é um termo que se refere a um tipo de design urbano que utiliza elementos implantados na intenção de separar, manter uma distância segura ou proibir algum tipo de comportamento ou pessoas de frequentarem determinados lugares. Esses elementos podem ser pedras, plantas, bancos com curvas ou separação, grades, ferros pontiagudos ou quaisquer outros elementos que dificultam e impedem a permanência de pessoas nos espaços públicos.

Espaços hostis são aqueles que, de alguma forma, estão sempre tentando excluir as pessoas de espaços públicos que teriam o direito de usufruir. Mais cruel ainda, tentam impedir que aqueles que estão em situação de rua utilizem tais espaços (Tagliani, 2023).

Embora essa prática aconteça há muito tempo, muitas pessoas ainda não têm conhecimento sobre o que ela é, de fato. Muitas vezes, esses elementos passam despercebidos aos olhos de quem não está tão atento ao que tem à sua volta. O termo foi mencionado pela primeira vez em 2014, pelo repórter Ben Quinn, que escreveu uma matéria sobre Arquitetura Hostil em Londres para o jornal inglês "The Guardian".

Na matéria Quinn traz exemplos de elementos que visam excluir não só os chamados "sem-tetos", mas também os skatistas, como bancos com superfícies inclinadas, "orelhas de porco" e "rolhas de skate", denominados dispositivos anti-skate. Cita também outras práticas visando afastar a população segundo suas próprias palavras:

Os parapeitos das janelas ao nível do solo são cada vez mais cravejados para evitar que se sente, os assentos inclinados nos pontos de ônibus impedem a vadiagem e os bancos públicos são divididos com apoios de braço para evitar que se deite (Quinn, 2014).

O texto mostra também a visão de outras pessoas que são entrevistadas, como por exemplo Lorraine Gaman, professora de design da *Central St Martins* e diretora do centro de pesquisa *Design Against Crime* (DAC) da instituição, que entre outras

coisas, diz que algumas ações parecem ter a intenção de prevenir possíveis crimes, mas acabam prejudicando toda a população.

Outro estudioso citado é Rowland Atkinson, co-diretor do Centro de Pesquisa Urbana da Universidade de York, que afirma que tudo isso pode ser “um padrão mais amplo de hostilidade e indiferença em relação à diferença social e à pobreza produzida nas cidades”, pelas palavras de Ben. Talvez tenha sido a partir dessa fala que o autor tenha chegado ao termo de Arquitetura Hostil para denominar todas essas práticas e ações.

Em relação ao início da utilização da Arquitetura Hostil nos centros urbanos, a reportagem diz que começa em 1990, baseando-se no historiador de arquitetura, Iain Borden, que diz que o emergir dessas construções “sugeriu que somos apenas cidadãos da república na medida em que estamos trabalhando ou consumindo bens diretamente [...] É o que alguns chamam de 'malificação' do espaço público, onde tudo se torna como um shopping.”(Borden, 2014).

Em 1994, Antonio Rocha Filho publica no jornal Folha de São Paulo uma das mais antigas matérias falando sobre o tema, intitulada “Cidade cria arquitetura antimendigo”, quando ainda não tinha se popularizado o termo Arquitetura Hostil. O foco do afastamento era especificamente os sem-tetos, como as próprias pessoas entrevistadas no texto dizem, com práticas como prédios cercados com grades ou sem marquises, chuveiros que molhavam o chão durante a noite e entradas de lojas sujas com óleo queimado, chamadas de “inovações para afugentar moradores de rua”.

Uma dessas pessoas é o engenheiro do prédio que na época sediou o Banespa, Luiz Nagao, que explicou com detalhes as medidas projetadas e implementadas em suas agências: “A maioria de nossas agências não tem marquises para evitar aglomeração de indigentes. Nas que têm jardins, colocamos grades para evitar invasão”. É mencionado também as medidas tomadas pela prefeitura paulista, sendo elas canteiros e grades nos viadutos e cruzamentos da cidade.

Dois fatos chamam bastante atenção nessa reportagem, um deles foi a fala do administrador do Teatro Cultura Artística: “Havia uma aglomeração grande de indigentes após o fechamento do teatro. Implantei o sistema, que não machuca

ninguém. A água só molha o chão, não as pessoas.", diz ele sobre o conjunto de canos que esguicha água sob a marquise a cada duas horas, das 0h às 10h. O outro, é a citação da presença do padre Júlio Lancellotti, já naquela época, agindo em defesa a essa parcela marginalizada da população.

Numa tentativa de trazer uma falsa ilusão de que as cidades são perfeitas, a tendência é excluir ou ocultar tudo que não seja bem-vindo, como é perceptível nos relatos anteriores. Logo, os mais vulneráveis, que não têm condições financeiras suficientes para manter uma casa, sofrem as consequências de tais atos. Retirando essas pessoas de vista a cidade pretende transpassar exatamente essa ilusão que não há nada de errado, que na sociedade não há falhas. Porém, se por um lado a Arquitetura Hostil é vista como uma forma de manter a ordem, garantir segurança e conter comportamentos indesejados, por outro, ela é definida como uma forma de discriminação, exclusão e gentrificação.

O termo “gentrificação”, tradução livre do inglês “*gentrification*” que, possivelmente, foi utilizado pela primeira vez pela socióloga britânica Ruth Glass no texto: *London: aspects of change*, escrito em 1964. Segundo o antropólogo Emanuel Oliveira Braga no site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN):

O termo ganhou popularidade após seu uso em trabalhos acadêmicos sobre a temática, acompanhando um fenômeno urbano presente em diversas temporalidades e espacialidades: o deslocamento, processual ou súbito, de residentes e usuários com condições de vida precárias de uma dada rua, mancha urbana ou bairro para outro local para dar lugar à apropriação de residentes e usuários com maior status econômico e cultural (Braga, 2016).

Nesse sentido, a Arquitetura Hostil torna-se uma prática cada vez mais comum, principalmente em cidades turísticas, que têm um grande número de visitantes durante o ano. Ela tem gerado bastante polêmica e debates sobre se realmente é a forma ideal de lidar com as pessoas em situação de rua, e principalmente, debates sobre seus impactos sociais e éticos.

2.2 ATUAÇÃO DO PADRE JÚLIO LANCELOTTI

O Padre Júlio Lancellotti é um pedagogo e presbítero católico brasileiro que exerce a função de pároco na Paróquia de São Miguel Arcanjo, no bairro de Mooca na cidade de São Paulo. Além disso, é coordenador da Pastoral do Povo, uma ação da Igreja Católica para ajudar as pessoas mais necessitadas que vivem nas ruas das cidades em situação de pobreza, miséria, marginalização e exclusão. Ele se tornou uma figura de referência em relação à luta pelos direitos humanos, atuando na linha de frente para tentar diminuir a fome nas ruas, lidando também com menores infratores, imigrantes, LGBTQQICAAPF2K¹, detentos e portadores de vírus da imunodeficiência humana (HIV).

Seu trabalho à frente da Pastoral do Povo de Rua tem merecidamente recebido a atenção da mídia nacional e internacional. Além disso, ele divulga suas ações em suas próprias redes sociais, sendo um dos métodos utilizados por ele para chamar a atenção do público e das autoridades para questões urgentes de desigualdade.

O padre atua nessa linha de frente há mais de 40 anos, por mais que sofra muitas perseguições de pessoas que não concordam com o seu posicionamento e até mesmo de outros padres, sofrendo ameaças físicas e verbais. Lancellotti popularizou o termo "aporofobia", criado pela filósofa espanhola Adela Cortina. Questionada por Irene Hernández Velasco, repórter da British Broadcasting Corporation (BBC), sobre como criou o termo e o que ele significa, Cortina responde:

O termo "aporofobia" vem de duas palavras gregas: "áporos", o pobre, o desamparado, e "fobéo", que significa temer, odiar, rejeitar. Da mesma forma que "xenofobia" significa "aversão ao estrangeiro", aporofobia é a aversão ao pobre pelo fato de ser pobre (Cortina, 2020).

Em 2021, Lancellotti protagonizou um movimento de resistência aos elementos de Arquitetura Hostil que vêm sendo implantados na capital paulista, em que o próprio padre empunhou a marreta para retirar elementos de pedra que foram colocados embaixo de um viaduto em São Paulo (Figura 1).

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink.

Figura 1: Padre Júlio Lancellotti quebra pedras sob viaduto em São Paulo



Fonte: G1, 2021.

Na época, o ato viralizou nas redes sociais. Rapidamente diversas fotos foram publicadas, chamando a atenção da população e da própria prefeitura que se pronunciou. Segundo os funcionários, as pedras foram postas na intenção de evitar o acúmulo de lixo no local, entretanto, relatos de outras pessoas que passavam por lá informaram que muitos moradores de rua frequentavam aquele viaduto e o utilizavam para dormir.

Logo após martelar e quebrar todos os pedregulhos, viralizou outro vídeo do padre colocando flores no local (Figura 2). A sua mensagem foi recebida e acolhida na internet que, durante toda a sua trajetória, pregou sobre amor, carinho, humanidade e respeito para com todos, e aquele dia tornou-se um marco histórico na luta contra a Arquitetura Hostil no país.

Figura 2: Padre Júlio Lancellotti põe flores sob viaduto em São Paulo



Fonte: G1, 2021.

2.3 REVERBERAÇÃO NA LEGISLAÇÃO FEDERAL

Mesmo com todas as batalhas que trava contra as desigualdades sociais, em entrevista a Romullo Baratto do site *ArchDaily*, o padre diz que: "Não existe lei que solucione uma injustiça social e estrutural [...] As legislações podem fazer parte de um caminho histórico que vai corrigindo e construindo novas propostas [...]" (Lancellotti, 2022). Nesse sentido, o Senador Fabiano Contarato propôs o Projeto de Lei (PL) nº 488, em 2021, com o objetivo de alterar o Estatuto da Cidade - Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001.

O texto original do projeto, em seu primeiro artigo proíbe o uso de técnicas da Arquitetura Hostil em espaços livres para uso público. Em seguida, acrescenta no art. 2º da Lei nº 10.257/2001, a Lei nº 14.489/2022 denominada Lei Padre Júlio Lancellotti, como o seguinte inciso XX:

Promoção de conforto, abrigo, descanso, bem-estar e acessibilidade na fruição dos espaços livres de uso público, de seu mobiliário e de suas interfaces com os espaços de uso privado, vedado o emprego de técnicas de Arquitetura Hostil, destinadas a afastar pessoas em situação de rua e outros segmentos da população (Brasil, 2022).

O senador, justificando a criação da proposta, caracteriza essas medidas como simplistas e cruéis, visto que a raiz do problema estaria "na pobreza, na marginalização e na falta de moradia digna" (Contarato, 2021). Ele elucida também que a lei não tem como propósito tornar esses espaços moradia fixa para pessoas em situação de rua, mas sim vetar o uso de práticas da Arquitetura Hostil como solução para qualquer problema, conseqüentemente agravando as desigualdades sociais.

O nome da lei homenageia o Padre Júlio Lancellotti, considerando toda a sua luta pelos direitos daqueles que são marginalizados pela sociedade, principalmente pelas pessoas em situação de rua. O parlamentar, que é líder da bancada do Partido dos Trabalhadores (PT) no Senado Federal, faz questão de destacar também o episódio em que o padre quebrou, com as próprias mãos, blocos de paralelepípedos instalados pela gestão do prefeito de São Paulo, Bruno Covas do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), na parte inferior de viadutos na Zona Leste Paulista.

Apesar de receber grande apoio nas redes sociais, tendo a hashtag #PL488_2021 bastante divulgada no *Twitter*, conjuntamente com resultado positivo em uma consulta pública realizado no site oficial do Senado (recebendo 26 votos sim contra 13 votos não) e, sendo também aprovada na Plenária do Senado em março de 2022, ainda assim, o presidente Jair Bolsonaro vetou a proposta em 14 de dezembro de 2022.

Na época, o governo alegou que a Lei seria contrária ao interesse público, podendo interferir em posteriores projetos de políticas urbanas das autoridades locais, além de afirmar que o termo "técnicas construtivas hostis" ainda não é concretizado e poderia gerar insegurança jurídica. Em contrapartida, Fabiano Contarato manifestou indignação acusando o ex-presidente de sentir repulsa por aqueles que são vulneráveis. O relator da PL nº 488/2021, Paulo Paim, do Partido dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul (PT-RS), demonstrou sua opinião dizendo: "O governo Bolsonaro vetou o projeto para afastar a população, principalmente pessoas em situação de rua, idosos e crianças. Lamentável. Fui relator do projeto. O Congresso precisa derrubar o veto". (Paim, 2021). Em 16 de dezembro de 2022, o Congresso Nacional derrubou o veto do presidente, em uma votação de 60 contra 4 votos no Senado e 354 contra 39 votos na Câmara dos Deputados. Sem ter muita escapatória, o presidente promulgou a Lei nº 14.489, de 21/12/2022, intitulada Lei Padre Júlio Lancellotti, em texto publicado no Diário Oficial da União (DOU) no dia 22 do mesmo mês. Ela foi republicada no DOU de 10 de janeiro de 2023, já no governo do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Mesmo com o trecho definitivamente incluído na legislação brasileira, o padre que a nomeia não parou seus trabalhos, principalmente o de denúncia na sua conta do *Instagram*, de locais que ainda utilizam práticas de arquitetura como "aporofobia", e de divulgação de seus trabalhos em prol dos excluídos.

Durante reunião com o diretor de Promoção dos Direitos da População em Situação de rua do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDH), Leandro Pinho, Lancellotti mostrou que recebe diariamente, na sua rede social, mensagens que indicam e mostram lugares que provavelmente seriam proibidos de acordo com a lei que leva o seu nome. Visto isso, o MDH decidiu disponibilizar um canal oficial para receber essas denúncias.

Técnicos especializados, em conversa com o próprio Padre Júlio e sua equipe, discutiram possíveis caminhos para o envio de denúncias de situações de Arquitetura Hostil, com fotos, vídeos e endereços com acesso facilitado para a população, entre eles o uso do Disque 100 ou a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), que já são conhecidos. Todo material recebido é avaliado pelo MDH, que visa transformar essas queixas em políticas públicas que acolham as pessoas em situação de rua.

Quando questionado, ainda pelo site *ArchDaily*, sobre a relação entre arquitetura, dignidade e direitos humanos, Lancellotti respondeu:

São três conceitos que estão interligados, ou deveriam estar interligados. A arquitetura deve estar a serviço da dignidade e sempre na defesa dos direitos humanos. Os direitos humanos e a dignidade, por sua vez, necessitam da arquitetura para se fazerem presentes na vida (Lancellotti, 2022).

2.4 EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS E INTERNACIONAIS

Alguns exemplos de elementos hostis encontrados nas pesquisas realizadas, iniciando o caso citado brevemente acima, que aconteceu em São Paulo quando a prefeitura mandou instalar pedras embaixo de um viaduto na zona leste da cidade (Figura 3).

Essa iniciativa da prefeitura de São Paulo foi um exemplo de como a Arquitetura Hostil poderia ser adotada como estratégia para afastar ou desestimular a presença de pessoas em situação de vulnerabilidade social em determinados espaços urbanos. A colocação de pedras embaixo do viaduto visava dificultar a permanência dessas pessoas, causando desconforto e sentimento de exclusão, além de dificultar ou impossibilitar o tráfego de transeuntes.

Figura 3: Pedras sob viaduto em São Paulo



Fonte: UOL, 2022.

Outro caso semelhante, está localizado sob o viaduto em Moema, próximo ao Parque Ibirapuera, cartão postal da capital paulista (Figura 4). Exemplos como esses são frequentemente identificados na cidade de São Paulo.

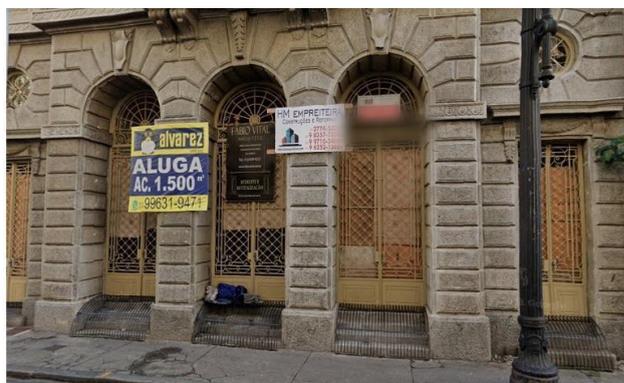
Figura 4: Pedras sob o viaduto em Moema



Fonte: Rádio BandNews FM, 2021.

Ainda em São Paulo, próximo à Praça da Sé, um casarão que estava para alugar apresentava ferros nos degraus de sua entrada, instalados pelo antigo proprietário do imóvel (Figura 5). Em entrevista à reportagem da Rádio BandNews FM (Frequência Modulada), um representante da imobiliária reconheceu as intenções do proprietário: “aquilo foi colocado pelo proprietário anterior ainda, porque, como o imóvel estava vazio, para ninguém ficar dormindo ali. Depois, esse prédio foi vendido e quem comprou nem tirou”. (Representante da imobiliária, 2021).

Figura 5: Ferro sob degraus



Fonte: Rádio BandNews FM, 2021.

Outro exemplo está no Rio de Janeiro, no qual um prédio onde funciona um dos mais tradicionais cinemas da cidade chamou atenção depois de colocarem “chuveirinhos” na marquise do edifício (Figura 6). Em teoria, o dispositivo foi colocado para irrigar um canteiro de flores. Entretanto, de acordo com moradores da região, o dispositivo foi instalado para retirar moradores de rua que dormem sob a marquise do prédio.

Colocaram aquelas saídas de água para inibir a concentração de moradores de rua no local. Compreendo que não é a solução mais adequada, mas, diante da inoperância do poder público para resolver o problema e me colocando no lugar dos que moram no prédio, acho que foi uma forma alternativa para resolver o problema, embora esta medida não seja a mais indicada. Há várias reclamações de consumo de drogas e brigas no local (Presidente da Sociedade Amigos de Copacabana, Horácio Magalhães, 2017).

Figura 6: Prédio instala chuveirinho na marquise no Rio de Janeiro



Fonte: G1, 2017.

O texto "Quando o design exclui o Outro: Dispositivos espaciais de segregação e suas manifestações em João Pessoa" , de Patrícia Andrade, explora como o design urbano pode perpetuar a exclusão social. Com ênfase em exemplos nacionais, a autora analisa manifestações de segregação espacial em João Pessoa. Discute como elementos arquitetônicos e urbanísticos podem inadvertidamente marginalizar grupos sociais, destacando a importância de considerar as implicações sociais do design. A pesquisa de Andrade destaca o papel significativo do espaço físico na reprodução de desigualdades e chama a atenção para a necessidade de abordagens mais inclusivas no planejamento urbano no contexto brasileiro. Conclui afirmando que uma arquitetura que exclui e empobrece o ambiente é uma "anti-arquitetura" por definição.

Em algumas cidades norte-americanas e européias, como citado por Andrade (2011), as experiências de elementos hostis são inúmeras. Nas ruas de Londres, por exemplo, são encontrados assentos de concreto cinza esculpidos, denominados de "Banco Camden". Seu design inclinado foi projetado para impedir repousos indesejados e a prática de skate (Figura 7). Apesar de serem mais sutis que os pregos de aço inoxidável que foram instalados em um edifício na mesma cidade, esses bancos fazem parte de uma "nova onda" voltada para moldar o comportamento do público.

Figura 7: Banco com elevação



Fonte: The Guardian, 2014.

Além dos dispositivos anti-skate, na cidade londrina, observou-se que muitos parapeitos das janelas no térreo estão sendo “enfeitados” com elementos pontiagudos para desencorajar o uso como assento (Figura 8). E bancos em praça pública com curvas e divisórias visando dificultar o ato de deitar (Figura 9).

Figura 8: Elemento pontiagudo na janela



Fonte: The Guardian, 2014.

Figura 9: Bancos com curvas



Fonte: The Guardian, 2014.

3 CONTEXTO NA CIDADE DE SALVADOR

Para investigar o cenário da Arquitetura Hostil em Salvador, faz-se necessária uma breve contextualização e pesquisa dos dados sobre a população em situação de rua na cidade. Em entrevista à Danutta Rodrigues do G1 Bahia (BA), em junho de 2017, Maria Lúcia Pereira, que viveu em situação de rua por 16 anos, afirmou:

Se não existe contagem, não existem pessoas, não existe política e não precisa existir verba. A matemática é simples. Não é do interesse, nem do município nem do estado, ter dados oficiais sobre pessoas que eles preferem que não existam, isso é fato. Isso eu falo a nível municipal, estadual e federal (Pereira, 2017).

Essa sua crítica aos governantes se comprova quando não é encontrado nenhum levantamento oficial atual que apresenta dados sobre as pessoas em situação de rua na cidade de Salvador. Segundo o site da Defensoria Pública da Bahia (DPE), o último censo oficial realizado no Brasil aconteceu em 2008 e aponta que, na capital baiana, 4 mil pessoas estavam nessa condição, a maioria delas por conta de problemas familiares. Ainda segundo a página, a pesquisa mais atual feita por um órgão governamental apontou que até agosto de 2020 esse número dobrou em Salvador, decorrente do Censo Suas realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

A pesquisa "Cartografias dos Desejos e Direitos: Mapeamento e Contagem da População em Situação de Rua na Cidade de Salvador, Bahia, Brasil", feita por uma associação entre o Projeto Axé, o Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (IPS/UFBA) e o Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR), é o projeto mais atual feito por meio de ONG e órgãos não oficiais. Dividido entre mapeamento, contagem e estimativa, divulgado em 2016 e com financiamento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) por meio do prêmio Criança Esperança 30 anos; e caracterização das situações de violações de direitos vividas, divulgado em 2017, financiado pela DPE.

De acordo com o estudo, o número mínimo estimado de pessoas em situação de rua em Salvador é de 14.513, e o número máximo possível é de 17.357, sendo que 77,8% das pessoas em situação de rua são do gênero masculino, 14,2% do gênero feminino, 0,9% do público classificado como "queer", que define todos os sujeitos

que não se enquadra em uma identidade heteronormativa. Outra caracterização observada em relação à faixa etária, identificou 3% de crianças de 0 a 11 anos; 6,2% de adolescentes entre 12 e 17 anos; 11,9% de jovens de 18 a 25 anos; 59,4% de adultos entre 26 e 59 anos; 7,8% de idosos a partir de 60 anos; 11,7% não foi possível observar. E, se tratando de cor, foram três categorias: pretos (59,3%), pardos (29,6%), brancos (4,3%), e 6,8% que a pesquisa não conseguiu observar, conforme dados destacados pelo coordenador de Arteducação do Projeto Axé, Marcos Cândido:

Entre pretos e pardos, são 90% da população em situação de rua. Esse dado é muito importante porque é impossível se pensar uma política para a população em situação de rua sem pensar na questão racial. Não é por acaso que a maioria da população não-branca está em situação de rua (Cândido, 2017).

Trazendo para o momento atual, o ano de 2023, a primeira capital brasileira ainda não possui dados oficiais atualizados. Enquanto o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) diz que não tem informações sobre as pessoas que vivem em situação de rua, pois se baseia em pesquisas a domicílio, nas residências das pessoas (IBGE, 2017 *apud* G1 BA, 2017), a prefeitura e os órgãos municipais estão desenvolvendo a Pesquisa de Mapeamento, Contagem e Caracterização da População em Situação de Rua de Salvador.

O projeto está sendo feito pela Secretaria Municipal de Promoção Social, Combate a Pobreza, Esportes e Lazer (SEMPRE) em parceria com o Centro Projeto Axé de Defesa e Proteção à Criança e ao Adolescente e, segundo o Termo de Colaboração nº 001/2022, assinado pelas duas partes, teve início em 01/09/2022 com prazo de encerramento em 31/08/2023. Em uma prévia da investigação, divulgada pela pasta no final do mês de julho, o censo apontou mais de 5 mil pessoas em situação de rua em Salvador, e afirmou que em breve publicará dados completos do estudo e lançará um pacote de programas sociais direcionados a essa população.

Conforme o site oficial do Projeto Axé, o objetivo do programa é "realizar mapeamento e contagem da população em situação de rua e a caracterização das situações de vulneração e violações de direitos vividas por esta população na cidade de Salvador", e será realizado tanto nas ruas quanto nas instituições que

prestam apoio à essas pessoas, como as Unidade de Acolhimento Institucional (UAI). Em entrevista ao site Bahia Notícias, o atual secretário da SEMPRES, Junior Magalhães, afirma que o resultado orientará para o progresso das políticas públicas para essas pessoas. Disse ainda que:

Já temos uma equipe que atua diariamente para atendimento desse público, que são os profissionais do Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS), que possuem um entendimento sobre essa realidade. Mas a pesquisa trará dados estatísticos, ainda mais detalhados e bem específicos que contribuirão para aprimorar o trabalho. Assim, conseguiremos ofertar os serviços socioassistenciais de forma mais assertiva, que promovam a ascensão social desses indivíduos (Magalhães, 2023).

Para realizar o Censo, é preciso fazer reuniões técnicas, articulações institucionais, grupos focais de discussão, oficinas de georreferenciamento, produção de materiais técnicos, dentre outras ações, segundo a secretária. E o trabalho nas ruas de Salvador, de acordo com a reportagem, é feito por agentes sociais, lideranças comunitárias, estudantes universitários, profissionais diversos com experiência de estudo, atuação, atendimento na área de trabalho com a população em situação de rua, educadores sociais de rua, e também, pessoas com trajetória de rua, catadores de materiais recicláveis, bem como pessoas que se encontram em situação de acolhimento institucional.

4 LEVANTAMENTO DE ELEMENTOS E PRÁTICAS HOSTIS EM SALVADOR

4.1 MÉTODO DE EXECUÇÃO DO LEVANTAMENTO

O método de execução do levantamento, iniciou-se a partir dos questionamentos em que bairros de Salvador era perceptível a prática da Arquitetura Hostil e quais eram mais velados. Através dos trabalhos realizados por Nadja Miranda (2016) e pelo Projeto Axé sobre quais eram as regiões de Salvador que possuíam uma maior concentração de população em situação de rua, as autoras selecionaram alguns bairros, de acordo com os critérios apresentados.

Segundo Nadja Miranda (2016), a população de rua da cidade se concentra, na maior parte, na região do antigo Centro Histórico, que abarca os bairros do Comércio, Nazaré, Calçada, Barbalho, entre outros, já que nesses espaços ocorre uma maior distribuição de assistências e atendimentos a essa parcela da sociedade, assim como uma maior quantidade de possíveis serviços que podem gerar alguma renda para sobrevivência, como reciclagem e guarda carros, podendo usar também como justificativa, o uso de casarões abandonados como abrigo (Miranda, 2016, p. 82-83).

Em uma outra pesquisa intitulada: “Sumário Executivo da Pesquisa-Ação: caracterização das situações de violações de direitos vividas pela população em situação de rua – crianças, adolescentes, jovens e famílias – na Cidade do Salvador”, os pesquisadores usaram diversas bases para escolher os locais onde iam realizar a investigação, e uma delas foram os locais onde são diariamente distribuída alimentação para a população em situação de vulnerabilidade social, as chamadas “bocas de rango”, que ocorrem em diversos bairros, entre eles muitos dos já citados por Miranda (2016) na sua tese, como Nazaré e Comércio, além também do Largo dos Mares e Aquidabã (Carvalho; Santana; Pereira; Vezedek, 2017, p. 6).

Após a seleção foi iniciada uma pesquisa prévia, utilizando a ferramenta do *Google Street View*, e selecionados os seguintes pontos específicos da cidade, com o foco na região do antigo Centro Histórico, onde estão localizados os bairros: Aquidabã, Barbalho, Calçada, Canela, Comércio, Nazaré e Praça da Piedade .

Com uma lista dos bairros, foi realizada visita *in loco*, geralmente aos sábados, com observação minuciosa e atenta, já que, em alguns casos, os elementos hostis são extremamente sutis e de difícil percepção. Sempre que encontradas, essas práticas eram fotografadas com auxílio de uma câmera digital.

Uma vez que, um dos propósitos deste trabalho é alertar as forças públicas responsáveis para o cumprimento da Lei nº 14.489/2022, o foco principal de observação para a coleta das imagens dos elementos da Arquitetura Hostil foram os espaços públicos e suas interfaces com os espaços privados, já que o inciso XX da Lei menciona especificamente que: “[...] na fruição dos espaços livres de uso público, de seu mobiliário e de suas interfaces com os espaços de uso privado, [fica] vedado o emprego de técnicas de Arquitetura Hostil [...]” (Brasil, 2022).

Em casos onde os registros não foram feitos presencialmente, realizou-se a captura da tela do computador com auxílio das imagens fornecidas pelo *Google Street View*. Todas as fotografias foram catalogadas, com identificação da data e lugar em que foram feitas.

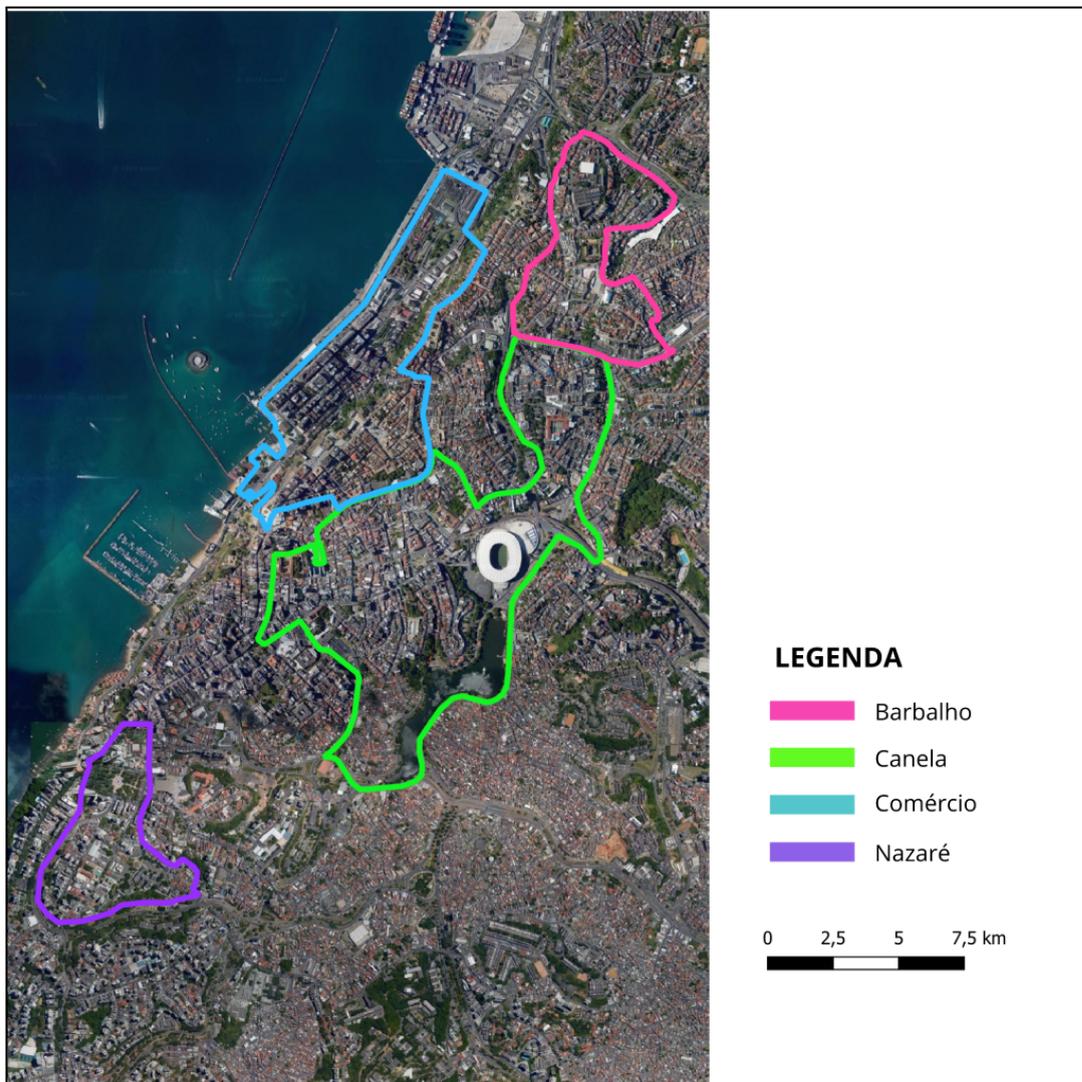
Enumerando os elementos hostis mais vistos na cidade, tem-se: pedras, plantas, grades, monumentos, obstáculos em concreto, bancos de praça com curvas ou divisórias. Cada um desses elementos tem um grau de intensidade, ou seja, enquanto alguns são mais visíveis, outros são mais velados, enquanto uns são mais agressivos, outros são mais sutis e, baseando-se nisso, foi estruturada uma classificação.

Essa classificação foi dividida em três níveis, sendo eles: leve, moderado ou grave. Isso significa que quanto mais velado e sutil for o elemento, mais perto de ser classificado como leve, e quanto mais visível e agressivo ele for, estará mais perto de ser classificado como grave. Aqueles que ficaram na linha intermediária entre os dois extremos, foram classificados como moderados. E para tornar a classificação ainda mais compreensível, foram atribuídas cores a cada um dos níveis, sendo escolhida a cor amarela para o leve, a cor laranja para o moderado e a cor vermelha para o grave.

É de suma importância destacar, que as autoras percorreram os bairros: Aquidabã, Calçada, e Praça da Piedade. Entretanto, não foi possível encontrar elementos

hostis. Logo, os únicos bairros que apresentaram elementos hostis estão dispostos na Figura 10.

Figura 10: Mapa dos bairros que foram identificados elementos hostis



Fonte: Autoras, 2023.

4.2 PRÁTICAS DE ARQUITETURA HOSTIL IDENTIFICADAS

Após a análise realizada nos Bairros do Barbalho (Quadro 1), Canela (Quadro 2), Comércio (Quadro 3) e Nazaré (Quadro 4), foram identificadas e classificadas as seguintes práticas de Arquitetura Hostil:

Quadro 1 — Classificação do grau de intensidade dos elementos hostis - Barbalho

Foto	Local	Tipo	Classificação
 <p data-bbox="360 1077 754 1111">Fonte: Google Street View, 2023.</p>	<p data-bbox="884 775 1082 972">Av. José Joaquim Seabra - Largo das Sete Portas, 458 - Barbalho</p>	<p data-bbox="1134 842 1214 904">Gradil móvel</p>	<p data-bbox="1318 860 1398 893">Grave</p>
 <p data-bbox="360 1688 754 1722">Fonte: Google Street View, 2023.</p>	<p data-bbox="884 1364 1082 1496">Subway - Rua Siqueira Campos - Barbalho</p>	<p data-bbox="1134 1402 1214 1464">Gradil fixo</p>	<p data-bbox="1318 1420 1398 1453">Leve</p>

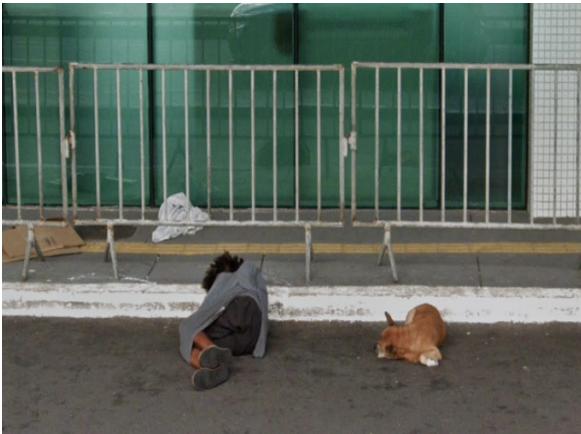
Fonte: Autoras, 2023.

Quadro 2 — Classificação do grau de intensidade dos elementos hostis - Canela

Foto	Local	Tipo	Classificação
 <p data-bbox="359 936 758 967">Fonte: Google Street View, 2023.</p>	<p data-bbox="890 600 1054 734">Largo do Campo Grande, 66 - Canela</p>	<p data-bbox="1102 651 1238 683">Gradil fixo</p>	<p data-bbox="1337 651 1406 683">Leve</p>
 <p data-bbox="359 1467 758 1498">Fonte: Google Street View, 2023.</p>	<p data-bbox="906 1167 1042 1330">Av. Reitor Miguel Calmon, 2964 - Canela</p>	<p data-bbox="1091 1234 1251 1265">Arborização</p>	<p data-bbox="1331 1234 1410 1265">Grave</p>

Fonte: Autoras, 2023.

Quadro 3 — Classificação do grau de intensidade dos elementos hostis - Comércio

Foto	Local	Tipo	Classificação
 <p>Fonte: Google Street View, 2023.</p>	<p>Hub Salvador, Av. da França, 393 - Comércio</p>	<p>Gradil móvel</p>	<p>Moderado</p>
 <p>Fonte: Autoras, 2023.</p>	<p>CODEBA, Avenida da França, 1551 - Comércio</p>	<p>Gradil fixo</p>	<p>Grave</p>
 <p>Fonte: Autoras, 2023.</p>	<p>Av. da França, 182-306 - Comércio</p>	<p>Bancos com divisórias</p>	<p>Grave</p>

(Continua)

Quadro 3 — Classificação do grau de intensidade dos elementos hostis - Comércio

(Continuação)

Foto	Local	Tipo	Classificação
 <p data-bbox="427 797 689 828">Fonte: Autoras, 2023.</p>	<p data-bbox="890 595 1074 689">R. Miguel Calmon, 358 - Comércio</p>	<p data-bbox="1134 611 1214 674">Gradil móvel</p>	<p data-bbox="1318 629 1398 660">Grave</p>
 <p data-bbox="427 1301 689 1332">Fonte: Autoras, 2023.</p>	<p data-bbox="890 1014 1074 1144">Banco Safra - Av. Estados Unidos, 14 - Comércio</p>	<p data-bbox="1134 1066 1214 1128">Gradil fixo</p>	<p data-bbox="1289 1081 1425 1113">Moderado</p>
 <p data-bbox="427 1778 689 1809">Fonte: Autoras, 2023.</p>	<p data-bbox="903 1518 1062 1612">Av. Estados Unidos, 84 - Comércio</p>	<p data-bbox="1134 1552 1214 1615">Gradil móvel</p>	<p data-bbox="1318 1570 1398 1601">Grave</p>

(Continua)

Quadro 3 — Classificação do grau de intensidade dos elementos hostis - Comércio

(Continuação)

Foto	Local	Tipo	Classificação
 <p data-bbox="427 837 687 869">Fonte: Autoras, 2023.</p>	<p data-bbox="895 533 1074 734">Edifício Cidade do Salvador - Av. Estados Unidos, 397 - Comércio</p>	<p data-bbox="1134 600 1217 667">Gradil fixo</p>	<p data-bbox="1318 613 1401 645">Grave</p>

Fonte: Autoras, 2023.

Quadro 4 — Classificação do grau de intensidade dos elementos hostis - Nazaré

Foto	Local	Tipo	Classificação
 <p data-bbox="360 1494 759 1525">Fonte: Google Street View, 2023.</p>	<p data-bbox="884 1285 1085 1384">Campo Largo da Pólvora, s/n - Nazaré</p>	<p data-bbox="1114 1285 1238 1384">Bancos com divisórias</p>	<p data-bbox="1318 1317 1401 1348">Grave</p>
 <p data-bbox="360 1989 759 2020">Fonte: Google Street View, 2023.</p>	<p data-bbox="884 1704 1085 1870">Edifício Vila do Conde - Av. Joana Angélica, 307 - Nazaré</p>	<p data-bbox="1134 1753 1217 1821">Gradil fixo</p>	<p data-bbox="1318 1771 1401 1803">Leve</p>

(Continua)

Quadro 4 — Classificação do grau de intensidade dos elementos hostis - Nazaré

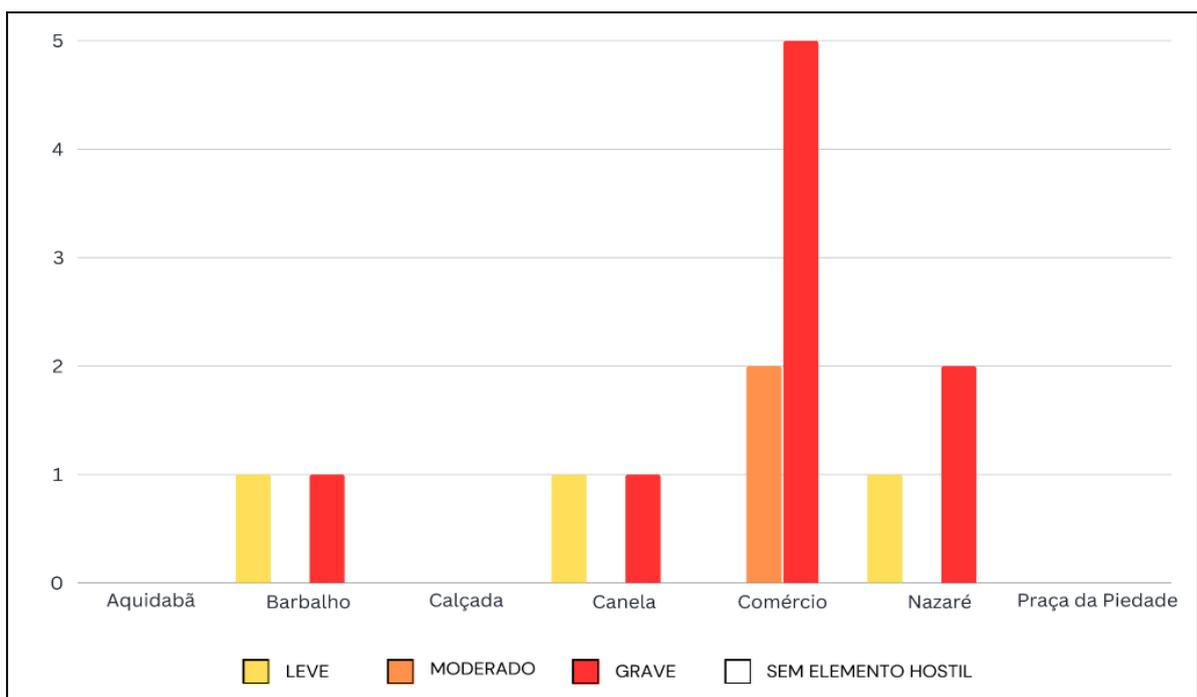
(Continuação)

Foto	Local	Tipo	Classificação
 <p>Fonte: Google Street View, 2023.</p>	Av. Joana Angélica, 183 - Nazaré	Bancos com curvas	Grave

Fonte: Autoras, 2023.

Ao final da análise, é possível notar um relativo equilíbrio entre os graus de intensidade dos elementos que compõem quase toda totalidade dos bairros, exceto o bairro do Comércio, conforme ilustrado no Gráfico 1. Nessa região em específico, observa-se uma maior quantidade de práticas de Arquitetura Hostil, como também uma predominância de elementos construtivos hostis classificados pelas autoras como grave, ou seja, mais visíveis e agressivos.

Gráfico 1 — Classificação da intensidade dos elementos hostis em cada bairro

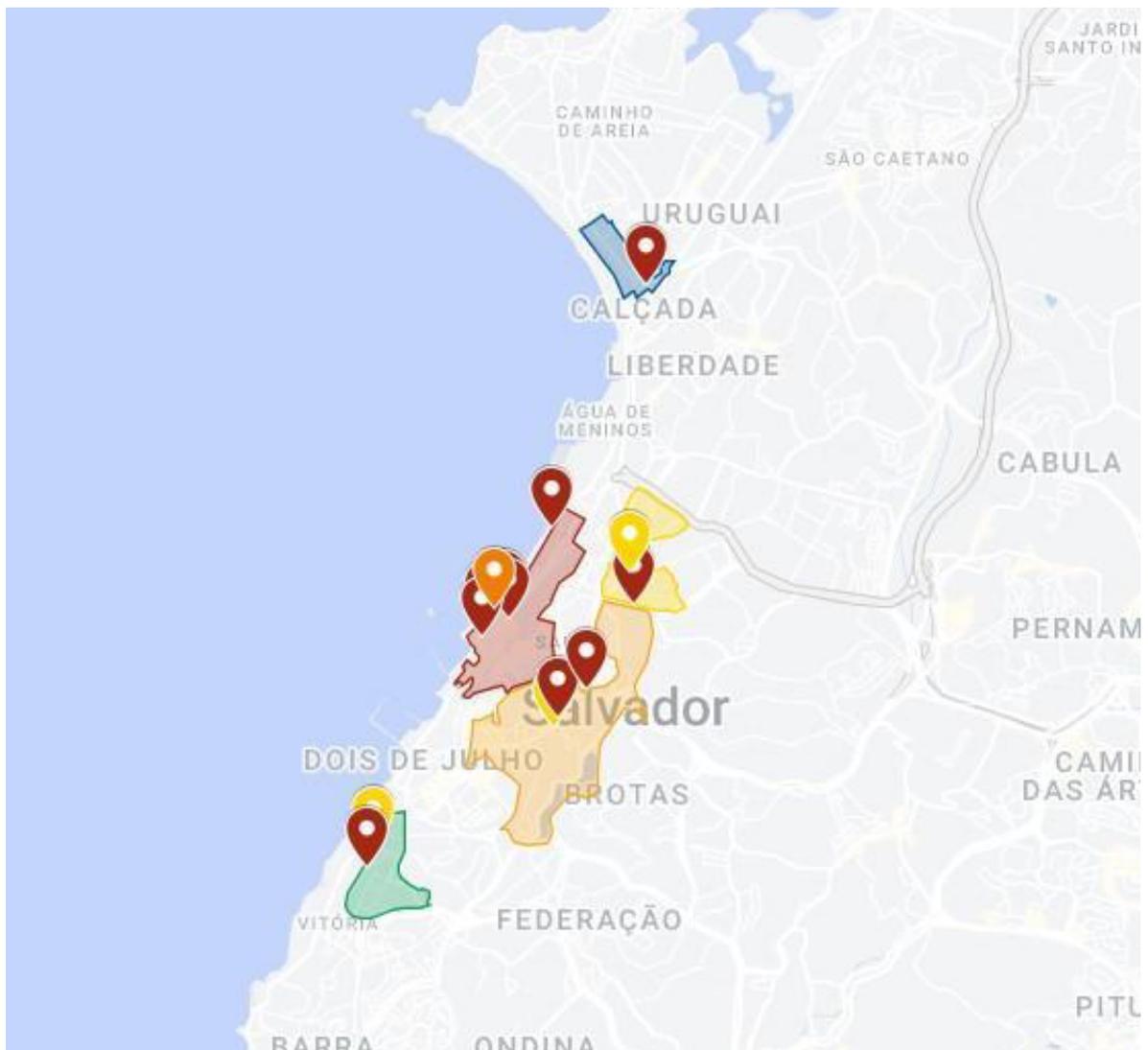


Fonte: autoras, 2023.

5 MAPA COLABORATIVO DA ARQUITETURA HOSTIL EM SALVADOR

A ideia de construir um mapa colaborativo surgiu a partir da concepção de que a cidade ainda está se desenvolvendo, sendo possível a mudança dos cenários das fotos e a inclusão de elementos hostis em lugares que não tinham nenhum elemento, ou a exclusão de alguns já identificados. O objetivo é que as pessoas possam ver e fotografar Arquiteturas Hostis, colocando essas fotografias e suas anotações para que o resto da população possa acessar a informação e reconheçam que existe Arquitetura Hostil em Salvador e onde estão localizadas (Figura 11).

Figura 11: Mapa colaborativo



Fonte: Autoras, 2023.

5.1 TECNOLOGIA DE CONSTRUÇÃO

Para transformar os dados da pesquisa em uma representação cartográfica, buscou-se entender quais programas estariam disponíveis para auxiliar na produção do produto final deste estudo. Nesta etapa, o objetivo é identificar e avaliar a plataforma de mapeamento mais adequada para transformar os resultados da pesquisa em um formato visualmente intuitivo e informativo.

O recurso que mais se encaixou e atendeu aos objetivos do trabalho foi a ferramenta do *Google*, o *My Maps*, que possui integração com outra aplicação utilizada neste trabalho, o *Street View*, sendo ambos produtos da mesma empresa. Ele permitiu a criação do mapa com a inclusão dos pontos nos locais onde foram encontrados elementos de Arquitetura Hostil nos bairros que foram visitados pelas pesquisadoras.

Além disso, possibilitou a personalização da representação cartográfica colorindo cada ponto de acordo com a classificação apresentada no capítulo anterior. Ou seja, os locais considerados graves pelas autoras, receberam a cor vermelha, os julgados moderados, a cor laranja, e os classificados como leves, a cor amarela. Outro ponto positivo e funcionalidade utilizada foi a inclusão dos registros fotográficos, presentes nos quadros dispostos no capítulo anterior, que permitem uma visualização com maior veracidade de cada elemento encontrado.

Uma das funções mais almejadas e requeridas é a possibilidade de compartilhar o mapa para que outras pessoas possam visualizar e colaborar com a inclusão ou exclusão de qualquer ponto, caso os editores permitam. Porém, as pesquisadoras optaram por não permitir esse livre acesso à edição do gráfico, visto que poderia ocorrer uma falta de controle, e o produto correria o risco de perder o seu propósito e objetivo. Em função disso, a colaboração de outros usuários é feita de forma indireta, isto é, por meio do preenchimento de um formulário que é apresentado a seguir.

5.2 DIVULGAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO MAPA COLABORATIVO

Para a divulgação do trabalho, as autoras resolveram criar um perfil no *Instagram* (@arqhostilssa), visto que tudo que atualmente é veiculado através das redes sociais têm uma maior disseminação entre a população em geral, principalmente entre os jovens, que são o público alvo desta pesquisa (Figura 12). Essa escolha se inspira também no projeto feito pelo Padre Júlio Lancellotti, que acumula quase dezenove mil publicações para um milhão e meio de seguidores, desde 2015 em sua página no *Instagram* (@padrejulio.lancellotti).

Figura 12: Instagram



Fonte: Autoras, 2023.

Nessa plataforma, foram criadas publicações para apresentar as autoras; discorrer sobre a Arquitetura Hostil, as motivações para a execução desse trabalho e escolha desse tema como trabalho de conclusão do curso, e apresentar a explicação do projeto em si (Figura 13). Com esse objetivo foram criados *cards* no *Canva*², juntamente com textos de fácil compreensão escritos pelas autoras.

² É uma plataforma que permite ao usuário criar diversos modelos de designers gráficos para mídias sociais e afins.

Figura 13: Publicações feitas no instagram



Fonte: Autoras, 2023.

Para divulgar os *links* do mapa colaborativo e do formulário, feito com base em um material já existente produzido pelo *site* Panoramas Urbanos, que visa mapear imóveis vazios e “carcaças” da região do Centro Histórico de Salvador, em que alguns bairros também foram visitados durante a realização dessa pesquisa. Acessando essas ferramentas, qualquer cidadão, ao deparar-se com uma Arquitetura Hostil, pode fotografar e informar aos responsáveis, permitindo-os incluir o local no mapa de forma colaborativa com a sociedade.

No formulário, exposto no Apêndice A, são feitas algumas perguntas a fim de coletar informações necessárias para incluir ou atualizar o ponto do mapa. Essas questões são sobre a pessoa que quer colaborar, sendo indagada sobre o nome, idade e email para contato; e sobre o local, procurando-se saber se é para adicionar um ponto novo ou eliminar um ponto existente, a região, o bairro e o endereço em que ele está presente. Também faz parte do formulário espaço para inserção da data de coleta da informação e fotos do local.

Para aumentar a conscientização, também foram produzidos cartazes informativos, contendo o endereço eletrônico do perfil no *Instagram*, do mapa colaborativo e do formulário para participação, escrito e em formato de *QR Code* (Quick Response Code), que foram espalhados pelo campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), como também nos pavilhões e murais das Faculdades de Arquitetura e de Engenharia Civil da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ambos da localizados em Salvador (Figura 14 e 15).

Figura 14: Cartaz 1



Fonte: Autoras, 2023.

Figura 15: Cartaz 2

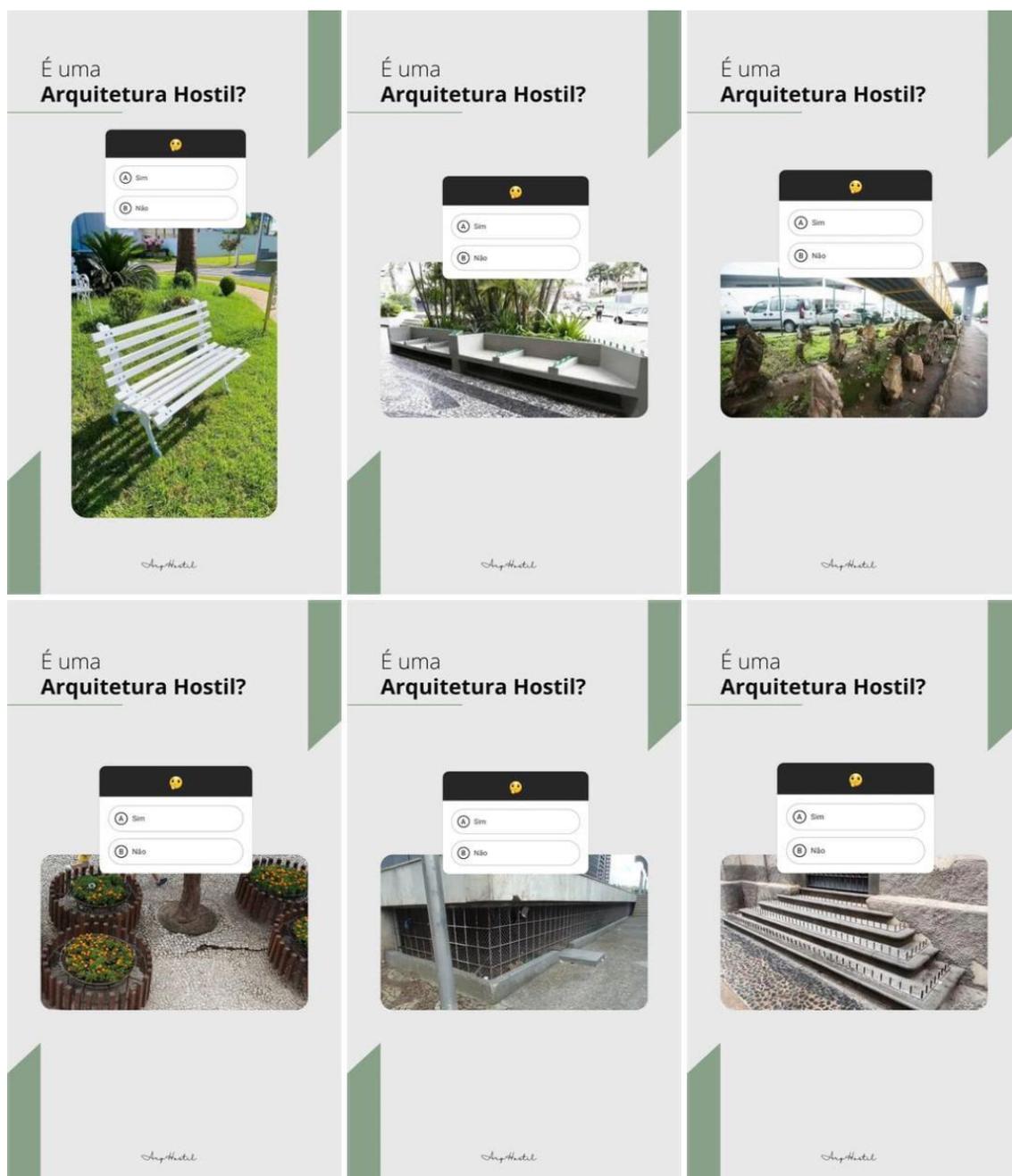


Fonte: Autoras, 2023.

Esses cartazes informativos e os *cards* postados no *Instagram* também foram republicados em outras páginas dessa mesma rede social, com autorização previamente cedida, sendo algumas delas o perfil oficial do Curso Técnico Edificações do IFBA (@edificacoesifba) e do Projeto Axé (@projetoaxe), como também no perfil pessoal das autoras, buscando cada vez uma maior divulgação e propagação do projeto e de toda a informação que ele traz consigo.

Para testar os conhecimentos dos seguidores também foram criados um Quiz envolvendo exemplos de Arquitetura Hostil, essa iniciativa visa não apenas promover a participação ativa dos seguidores, mas também proporcionar uma experiência educativa e informativa (Figura 16).

Figura 16: Quiz



Fonte: Autoras, 2023.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa atingiu o seu propósito de criação de uma ferramenta para apresentar elementos arquitetônicos e práticas de Arquitetura Hostil que contribuem para a segregação da população em espaços públicos específicos de Salvador, bem como em suas interações com espaços privados. Tais fundamentos, são essenciais no meio acadêmico e profissional, visando construir uma visão para os futuros técnicos de Edificações do IFBA para que sejam mais justos e inclusivos, e não repitam tais ações.

Ao finalizar a pesquisa, as autoras chegaram em algumas considerações finais possíveis de observar diante dos dados e informações coletados durante o processo que dizem a respeito a como Salvador se porta diante das aplicações da Arquitetura Hostil. No que se diz respeito a classificação criada pelas pesquisadoras para julgar as práticas de Arquitetura Hostil encontradas em cada bairro visitado em leve, moderado ou grave. O gráfico 1, apresentado no capítulo 4, mostra o resultado final desta pesquisa.

Diante da complexidade e relevância das questões abordadas na pesquisa sobre Arquitetura Hostil, é imperativo vislumbrar um horizonte repleto de possibilidades de pesquisa e inovação, convidando a comunidade acadêmica e profissional a destacar e explorar novas áreas de investigação acerca dessa prática na cidade de Salvador e na Bahia, como a expansão do uso da ferramenta elaborada neste trabalho para outras regiões, analisar o motivo pelo qual o bairro do Comércio é o que possui mais elementos da Arquitetura Hostil e também os mais graves, visto que o contexto como um todo é um campo ainda pouco conhecido e estudado tanto na cidade como no país inteiro.

Nesse cenário, as autoras buscaram diversos órgãos com a intenção de se aprofundar nas pesquisas e dados sobre a população da capital baiana. No próprio IFBA, tentaram entrar em contato com uma equipe responsável por realizar um mapa cultural de Salvador, na tentativa de localizar quais ferramentas foram utilizadas para a realização do mesmo, para que a criação do mapa hostil fosse embasada nas mesmas ferramentas. Infelizmente, tal contato não resultou em nenhuma resposta que pudesse ajudar na construção.

O segundo órgão, foi o Projeto Axé, projeto mais atual feito por meio de ONG e órgãos não oficiais. As pesquisadoras entraram em contato, na intenção de buscar dados atualizados sobre a população em situação de rua, todavia, obtiveram retorno de que o resultado da pesquisa não foi publicado até a data de apresentação deste trabalho.

Por último, em contato com o Ministério Público da Bahia, numa investida de divulgar o projeto para os órgãos responsáveis, as pesquisadoras receberam um convite para apresentar a monografia para a doutora Grace Apolonis, 2ª Promotora de Justiça de Direitos Humanos, que despertou um interesse genuíno em conhecer a ferramenta.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Patrícia Alonso de. **Quando o design exclui o Outro**: Dispositivos espaciais de segregação e suas manifestações em João Pessoa PB. 2011. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/12.134/3973>. Acesso em: 14 abr. 2023.

ASCOM; SEMPRE. **Em Salvador, Censo de população em situação de rua avança para fase de entrevistas**. 2023. Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/279167-em-salvador-censo-de-populacao-e-m-situacao-de-rua-avanca-para-fase-de-entrevistas>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BARATTO, Romullo. **"Nossa arquitetura é muito hostil e pouco hospitaleira": entrevista com Padre Júlio Lancellotti**. 2022. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/976196/nossas-arquiteturas-sao-muito-hostis-e-pouco-hospitaleiras-entrevista-com-padre-julio-lancellotti>. Acesso em: 28 maio 2023.

BERNARDO, Carol; ALCÂNTARA, Tamires de. **A quem pertencem nossas cidades?** Disponível em: <https://blog.archtrends.com/arquitetura-hostil/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

BRAGA, Emanuel Oliveira. **Gentrificação**. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

BRASIL. Constituição (2022). Lei nº 14.489, de 21 de dezembro de 2022. **Ementa Lei Padre Júlio Lancellotti**. Brasília, DF, 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2022/Lei/L14489.htm#art1. Acesso em: 04 maio 2023.

BRITO, Carlos. **Prédio instala 'chuveiros' em marquise e causa polêmica em Copacabana, Zona Sul do Rio**. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/predio-instala-chuveiros-em-marquise-e-causa-polemica-em-copacabana-zona-sul-do-rio.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2023.

CARVALHO, Marcos Antonio Candido; SANTANA, Juliana Prates; PEREIRA, Maria Lúcia Santos; VEZEDEK, Lucas. **Cartografias dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal? – Sumário Executivo da Pesquisa-ação Caracterização das situações de violações de direitos vividas pela população em situação de rua – crianças, adolescentes, jovens e famílias – na cidade do Salvador**. Projeto Axé, 2017. Acesso em: 02 jul. 2023.

GUIMARÃES, João Paulo (ed.). **SP VISÍVEL: Na São Paulo que faz 469 anos com recorde de pessoas em situação de rua, Padre Júlio luta por dignidade**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/padre-julio-lancellotti-a-lei-da-fraternidade-/#cover>. Acesso em: 04 maio 2023.

LEITE, Isabela. **Lei Padre Júlio Lancellotti terá canal de denúncias para 'arquitetura hostil' e deve ser regulamentada até o fim de junho**. 2023.

Disponível em:
<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/06/19/lei-padre-julio-lancellotti-tera-canal-de-denuncias-para-arquitetura-hostil-e-deve-ser-regulamentada-ate-o-fim-de-junho.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2023.

MARIAMPOLSKI, H. **Qualitative market research: a comprehensive Guide**. Londres: Sage, 2001. Acesso em: 18 mar. 2023.

MIRANDA, Nadja Conceição de Jesus. **População de rua em Salvador: Estudo dos territórios e do direito à cidade (2005-2015)**. 2016. 239 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em:
https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/21042/1/Nadja_Conceicao_Jesus_Miranda.pdf. Acesso em: 26 set. 2023.

PERDIGÃO, Dulce; HERLINGER, M.; WHITE, O. **Teoria de Prática da pesquisa aplicada**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, 475p. Acesso em: 18 mar. 2023.

QUINN, Ben. **Anti-homeless spikes are part of a wider phenomenon of 'hostile architecture'**: New urban design aims to influence behaviour and has been criticised as an attempt to exclude poor people. 2014. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/artanddesign/2014/jun/13/anti-homeless-spikes-hostile-architecture>. Acesso em: 28 maio 2023.

RAVANELI, Reni. **SP: Pedras sob viaduto, ferros sobre degrau, a arquitetura hostil da capital paulista**. 2021. Disponível em:
<https://www.band.uol.com.br/bandnews-fm/noticias/sao-paulo-coleciona-lugares-com-arquitetura-hostil-16462132>. Acesso em: 15 set. 2023.

ROCHA FILHO, Antonio (ed.). **Cidade cria arquitetura antimendigo**. Folha de S.Paulo. São Paulo, p. 02-02. 04 set. 1994. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/04/cotidiano/2.html>. Acesso em: 29 maio 2023.

RODRIGUES, Danutta (ed.). **Sem número oficial, população em situação de rua luta por direitos: 'Se não existe contagem, não existem pessoas'**. 2017. Disponível em:
<https://g1.globo.com/bahia/noticia/sem-numero-oficial-populacao-em-situacao-de-rua-luta-por-direitos-se-nao-existe-contagem-nao-existem-pessoas.ghtml>. Acesso em: 02 jul. 2023.

SALVADOR. Secretaria de Comunicação. **Prefeitura dá início aos trabalhos nesta sexta para mapeamento da população em situação de rua de Salvador**. Disponível em:
<https://sempre.salvador.ba.gov.br/prefeitura-da-inicio-aos-trabalhos-nesta-sexta-para-mapeamento-da-populacao-em-situacao-de-rua-de-salvador/>. Acesso em: 28 maio 2023.

SALVADOR. Thiago Souza. Secretaria de Comunicação. **Prefeitura publicará censo de população de rua de Salvador e abrirá 10 unidades para acolher dependentes químicos**. 2023. Disponível em:
<https://comunicacao.salvador.ba.gov.br/prefeitura-publicara-censo-de-populacao-de-r>

ua-de-salvador-e-abrira-10-unidades-para-acolher-dependentes-quimicos/. Acesso em: 26 set. 2023.

SENADO, Agência. **Bolsonaro veta proibição de arquitetura hostil a moradores de rua.** 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/12/14/bolsonaro-veta-proibicao-de-arquitetura-hostil-a-moradores-de-rua>. Acesso em: 10 set. 2023.

SENADO, Agência. **Projeto proíbe técnica de arquitetura que afasta moradores de rua.** 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/03/01/projeto-proibe-tecnica-de-arquitetura-que-afasta-moradores-de-rua>. Acesso em: 10 set. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2013; ePUB. Acesso em: 18 mar. 2023.

SILVEIRA, Daniel. **Censo 2022: população que vive nas ruas segue invisível nas estatísticas oficiais do país.** 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/01/05/censo-2022-populacao-que-vive-nas-ruas-segue-invisivel-nas-estatisticas-oficiais-do-pais.ghtml>. Acesso em: 02 jul. 2023.

TAGLIANI, Simone (ed.). **Arquitetura Hostil: o que é e o que ela tem provocado de ruim na sociedade brasileira.** 2021. Disponível em: <https://engenharia360.com/o-que-e-arquitetura-hostil-e-quais-consequencias/>. Acesso em: 04 maio 2023.

TAGLIANI, Simone. **Arquitetura Hostil: o que é e o que ela tem provocado de ruim na sociedade brasileira.** 2023. Disponível em: <https://engenharia360.com/o-que-e-arquitetura-hostil-e-quais-consequencias/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

TERMO de Colaboração N° 001/2022 – SEMPRE – Pesquisa/Censo PopRua. 2022. Disponível em: <https://www.projetoaxe.org/brasil/projetos/termo-de-colaboracao-n-001-2022-sempre-pesquisa-censo-poprua/>. Acesso em: 02 jul. 2023.

URPI MONTOYA URIARTE. Alunos Egressos da Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade “O habitar em casarões ocupados do Centro de Salvador” (FCHL63) (ed.). **Panoramas Urbanos.** 2018. Disponível em: <https://www.panoramasurbanos.com.br/mapadosvazios>. Acesso em: 14 abr. 2023.

VELASCO, Irene Hernández. **'Não rejeitamos estrangeiros se forem turistas, cantores ou atletas famosos, rejeitamos se forem pobres'.** 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54778993>. Acesso em: 08 ago. 2023.

ARQ HOSTIL

Mapeamento da Arquitetura Hostil em SSA

Esse formulário destina-se à colaboração no mapeamento de práticas de Arquitetura Hostil encontrados na cidade de Salvador.

Essa ferramenta foi criada a partir do Trabalho de Conclusão de Curso das discentes de Curso Técnico Integrado de Edificações do IFBA - Campus Salvador, Bruna Nascimento, Geovanna Correia e Thaise Andrade, sob a orientação da Profa. Rafaela Lino Izeli, que se intitula "Arquitetura Hostil: Mapeamento e divulgação de práticas hostis nos espaços públicos de Salvador".

"Arquitetura Hostil", pode ser definida como: "[...] um conjunto de dispositivos construtivos que têm como objetivo impedir a permanência de pessoas, especialmente daquelas em situação de rua, em bancos de praças, espaços residuais em fachadas e demais áreas livres do espaço público." (Bernardo; Alcântara, 2023).

Se você gostaria de contribuir com o "Mapeamento da Arquitetura Hostil em Salvador", algumas informações, são fundamentais para seguirmos com a segurança e veracidade do mapa! Poderia nos contar?
Contamos com sua participação!

Para mais informações entre em contato conosco pelo nosso *Instagram*: @arqhostilssa

E-mail *

Seu e-mail

Qual o seu nome? *

Sua resposta

Quantos anos você tem? *

- 0 - 17
- 18 - 35
- 36 - 59
- 60 +

Qual a sua intenção? *

- Adicionar um novo ponto
- Eliminar ponto existente

Incluir novo ponto no mapa colaborativo

Se você encontrou uma nova prática de Arquitetura Hostil em Salvador, por favor preencha com cuidado as informações abaixo, para que possamos incluir o seu local no mapa!

Qual o bairro que o elemento foi encontrado? *

Sua resposta _____

Qual o endereço que o elemento foi encontrado? *

Quanto mais detalhado e descritivo for o endereço, melhor para ser encontrado. Dito isso use e abuse de pontos de referências e complementos!

Sua resposta _____

Link com georreferenciamento:

Fica ainda mais fácil se você conseguir nos mostrar local utilizando ferramentas como o *Google Maps*.

Sua resposta _____

Nos informe em que data foi localizado esse ponto: *

DD MM AAAA

___ / ___ / 2023

Com base na dissertação em que esse formulário se baseia, como você classificaria essa prática?

- Leve
- Moderada
- Grave

Envie aqui fotos (no máximo 5) dessa prática de Arquitetura Hostil encontrada por você: *

[📁 Adicionar arquivo](#)

Observações:

Aqui, fique a vontade para inserir qualquer informação que ache necessária!

Sua resposta

Excluir ponto já existente no mapa colaborativo

Se você encontrou um local que está presente no nosso mapa, mas que a prática de Arquitetura Hostil foi removida, por favor preencha com cuidado as informações abaixo, para que possamos excluir o local do mapa!

Qual o bairro que o elemento estava situado? *

Sua resposta _____

Qual o endereço que o elemento estava situado? *

Quanto mais detalhado e descritivo for o endereço, melhor para ser encontrado. Dito isso use e abuse de pontos de referências e complementos!

Sua resposta _____

Link com georreferenciamento:

Fica ainda mais fácil se você conseguir nos mostrar local utilizando ferramentas como o nosso mapa no *My Maps* ou até mesmo no *Google Maps*.

Sua resposta _____

Nos informe em que data foi localizada a atualização desse ponto: *

DD MM AAAA

__ / __ / ____

Você sabe o motivo dessa mudança? Se sim, você participou? Nos conte um pouco sobre! *

Sua resposta

Envie aqui fotos (no máximo 5) do local sem a prática de Arquitetura Hostil encontrado por você: *

 [Adicionar arquivo](#)

Observações:

Aqui, fique a vontade para inserir qualquer informação que ache necessária!

Sua resposta
